



EDITORIAL

Aspectos teológicos sobre a animação bíblica da vida e da ação pastoral da Igreja

Theological aspects of the biblical animation of the life and pastoral action of the Church

Aspectos teológicos de la animación bíblica de la vida y de la acción pastoral de la Iglesia

Tiago de Fraga Gomes¹

orcid.org/0000-0001-5437-2318

tiago.gomes@pucrs.br

Recebido em: 26 out. 2025.

Aprovado em: 26 out. 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: Pretende-se abordar alguns aspectos teológicos da animação bíblica da vida e da ação pastoral da Igreja, destacando sua relevância no contexto da renovação eclesial promovida pelo Concílio Vaticano II. Fundamentada na *Constituição Dogmática Dei Verbum* e nas exortações do Magistério recente, a presente reflexão busca evidenciar que a animação bíblica não se restringe a uma pastoral específica, mas constitui um aspecto transversal que inspira e dinamiza toda a ação evangelizadora da Igreja. A partir da centralidade da Palavra de Deus, compreendida como presença viva de Cristo que interpela, forma e transforma a comunidade cristã, a animação bíblica é apresentada como eixo integrador da espiritualidade, da formação e da missão eclesial. Teologicamente, a Palavra de Deus manifesta uma dimensão trinitária: o Pai que comunica o seu amor, o Filho que é a Palavra encarnada e o Espírito Santo que ilumina e atualiza a compreensão das Sagradas Escrituras. Tal dinâmica conduz a Igreja a redescobrir-se como comunidade de ouvintes e testemunhas da Palavra, chamada a nutrir toda a sua vida e ação pastoral na escuta orante e comunitária das Sagradas Escrituras. A animação bíblica revela-se não apenas um método pastoral, mas um caminho teológico de conversão, comunhão e anúncio, capaz de renovar a missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Palavra de Deus. Animação bíblica. Ação pastoral. Evangelização.

Abstract: This paper aims to address some theological aspects of biblical animation in the life and pastoral action of the Church, highlighting its relevance in the context of the ecclesial renewal promoted by the Second Vatican Council. Based on the *Dogmatic Constitution Dei Verbum* and the exhortations of the recent Magisterium, this reflection seeks to highlight that biblical animation is not restricted to a specific pastoral effort, but constitutes a transversal aspect that inspires and energizes all of the Church's evangelizing action. Based on the centrality of the Word of God, understood as the living presence of Christ who challenges, forms, and transforms the Christian community, biblical animation is presented as an integrating axis of spirituality, formation, and the ecclesial mission. Theologically, the Word of God manifests a Trinitarian dimension: the Father who communicates his love, the Son who is the incarnate Word, and the Holy Spirit who illuminates and updates the understanding of Sacred Scripture. This dynamic leads the Church to rediscover itself as a community of listeners and witnesses of the Word, called to nourish its entire life and pastoral action through prayerful and communal listening to the Sacred Scriptures. Biblical animation reveals itself not only as a pastoral method, but as a theological path of conversion, communion, and proclamation, capable of renewing the Church's evangelizing mission in the contemporary world.

Keywords: Word of God. Biblical animation. Pastoral action. Evangelization.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumen: Este artículo pretende abordar algunos aspectos teológicos de la animación bíblica en la vida y la acción pastoral de la Iglesia, destacando su relevancia en el contexto de la renovación eclesial promovida por el Concilio Vaticano II. Con base en la *Constitución Dogmática Dei Verbum* y las exhortaciones del Magisterio reciente, esta reflexión busca destacar que la animación bíblica no se limita a una labor pastoral específica, sino que constituye un aspecto transversal que inspira y dinamiza toda la acción evangelizadora de la Iglesia. Partiendo de la centralidad de la Palabra de Dios, entendida como la presencia viva de Cristo que interpela, forma y transforma a la comunidad cristiana, la animación bíblica se presenta como un eje integrador de la espiritualidad, la formación y la misión eclesial. Teológicamente, la Palabra de Dios manifiesta una dimensión trinitaria: el Padre que comunica su amor, el Hijo que es el Verbo encarnado y el Espíritu Santo que ilumina y actualiza la comprensión de la Sagrada Escritura. Esta dinámica lleva a la Iglesia a redescubrirse como comunidad de oyentes y testigos de la Palabra, llamada a nutrir toda su vida y acción pastoral mediante la escucha orante y comunitaria de las Sagradas Escrituras. La animación bíblica se revela no solo como un método pastoral, sino como un camino teológico de conversión, comunión y anuncio, capaz de renovar la misión evangelizadora de la Iglesia en el mundo contemporáneo.

Palabras clave: Palabra de Dios. Animación bíblica. Acción pastoral. Evangelización.

Introdução

A animação bíblica da vida e da ação pastoral da Igreja representa, hoje, uma das expressões mais fecundas da renovação eclesial suscitada pelo Concílio Vaticano II. Ela nasce do desejo de reconduzir a comunidade cristã à sua fonte originária – a escuta viva da Palavra de Deus – e de restituir, à Sagrada Escritura, o lugar de princípio inspirador e critério unificador de toda a vida e missão da Igreja. Longe de se configurar como um simples programa pastoral, trata-se de uma autêntica conversão espiritual e teológica: a redescoberta da Palavra como coração da fé, força da comunhão e alma da evangelização. A animação bíblica propõe um novo paradigma eclesial. Em vez de multiplicar atividades ou fragmentar a missão, ela convida à integração de todos os serviços e ministérios sob o mesmo dinamismo espiritual. A unidade pastoral não decorre de técnicas de planejamento, mas da convicção de que a Palavra é o sopro do Espírito que gera comunhão, ilumina o discernimento e sustenta a missão. Quando a comunidade se alimenta da Sagrada Escritura, aprende a olhar o mundo com

os olhos de Deus, transformando cada gesto e cada ação evangelizadora em resposta de fé ao Deus que fala e age na história.

Teologicamente, a animação bíblica possui um caráter trinitário, cristológico e eclesial. É trinitária, porque a Palavra é expressão do amor do Pai, encarnada no Filho e vivificada pelo Espírito; cristológica, porque Cristo é o *Logos* feito carne, centro e plenitude da Revelação e; eclesial, porque a Palavra se realiza na comunidade que a escuta, celebra e testemunha. Assim, a Igreja se descobre discípula da Palavra – chamada, antes de ensinar, a escutar; antes de pregar, a se deixar evangelizar. A escuta torna-se, então, ato fundante do discipulado e princípio de toda ação missionária. A animação bíblica deve, portanto, ser compreendida não como um modismo pastoral, mas como caminho de conversão eclesial permanente. A Igreja que nasce da Palavra é chamada a viver dela e a anunciá-la com fidelidade criativa, traduzindo o Evangelho nas linguagens do tempo presente. Quando a Palavra se torna alma da pastoral, a evangelização deixa de ser mera transmissão doutrinária e se converte em testemunho de vida, em diálogo transformador e em serviço à dignidade humana.

No espírito da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (Paulo VI, 1965) que afirma ser a Sagrada Escritura a alma da teologia e o alimento da vida espiritual, a animação bíblica da pastoral emerge como princípio vital e transversal da missão eclesial. A Palavra não pertence apenas à liturgia ou ao ensino teológico, mas deve impregnar todas as dimensões da pastoral: catequese, formação, espiritualidade, ação social e missão. O Papa Francisco (2019) retoma e aprofunda essa intuição ao recordar que a pastoral bíblica deve ser entendida como animação bíblica de toda a pastoral, recordando que o encontro com a Sagrada Escritura é sempre um encontro com o Cristo vivo, e não apenas um simples exercício intelectual. A escuta orante e comunitária da Sagrada Escritura é lugar de conversão e de comunhão. Nela, o povo de Deus se encontra com o *Logos* que se fez carne (Jo 1,14) e é, continuamente, interpelado a viver segundo o Evangelho. A Palavra se torna, assim, o

eixo que articula espiritualidade, formação e missão, conduzindo a Igreja a um estilo de presença mais evangélico e profético. A comunidade que escuta e celebra a Palavra torna-se sinal do Deus que fala e age, testemunhando o Evangelho que humaniza e transforma todas as coisas. A seguir, pretende-se abordar a animação bíblica como eixo dinamizador e integrador da ação pastoral e como caminho de renovação eclesial.

Animação bíblica como eixo dinamizador e integrador da ação pastoral

A animação bíblica da pastoral é mais do que um setor entre outros: é o princípio vital que atravessa, integra e renova toda a ação evangelizadora da Igreja. Fundada na recepção da *Constituição Dogmática Dei Verbum* do Concílio Vaticano II (Paulo VI, 1965) e nas orientações do Magistério recente, ela afirma que a Palavra de Deus não pode permanecer confinada a um espaço restrito da vida eclesial, mas precisa tornar-se o coração pulsante de toda a ação pastoral. A Palavra de Deus é o acontecimento no qual o próprio Deus se comunica, entra em diálogo com a humanidade e a convida à comunhão. A Igreja reencontra a sua identidade mais profunda na acolhida da Palavra: ser comunidade que nasce da escuta e vive do anúncio. A Sagrada Escritura é mais que um texto fontal – é o próprio Cristo que continua a falar à sua Esposa e a fecundar sua missão com o sopro do Espírito. Como recorda o Papa Bento XVI (2010), a Palavra de Deus é o coração de toda a atividade eclesial. Na Palavra, a Igreja encontra o critério de autenticidade de sua fé e de sua missão.

Escutar antes de falar, servir antes de ensinar, acolher antes de julgar: esta é a postura da Igreja animada pela Palavra. A escuta molda o coração, purifica as intenções e transforma a pastoral em expressão concreta do amor divino. Essa espiritualidade da escuta permite, à Igreja, discernir os sinais dos tempos e dialogar com o mundo sem perder a força profética do Evangelho. A animação bíblica não apenas sustenta a teologia e a pastoral, mas renova a própria consciência

eclesial, unindo fé, cultura e vida em uma única dinâmica de comunhão e missão. A Palavra de Deus é espaço de encontro entre mistério e história. Uma Igreja animada pela Palavra é uma Igreja em saída, missionária e dialogal, que anuncia o Evangelho com linguagem viva e testemunho coerente. A escuta orante torna-se gesto de conversão e esperança: é o caminho pelo qual a Igreja se deixa conduzir pelo Espírito e renova continuamente sua missão.

A Palavra, quando acolhida com fé, torna-se princípio de comunhão, critério de discernimento e fonte de missão. A animação bíblica, portanto, é o coração de uma Igreja que escuta e anuncia, que se deixa formar pelo Evangelho para tornar-se sinal do amor de Deus no mundo. Escutar a Palavra é deixar-se plasmar pelo Espírito; é permitir que o *Logos* continue a encarnar-se na vida do povo de Deus e a gerar uma pastoral viva, coerente e transformadora. O Concílio Vaticano II, na *Constituição Dogmática Dei Verbum* (Paulo VI, 1965), resgatou a centralidade da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja a partir da convicção de que a Sagrada Escritura não é apenas fonte de conteúdos doutrinários, mas evento de Palavra – uma comunicação viva de Deus que interpela, forma e envia a comunidade eclesial (Mesters, 1971; Ravasi, 2014; Wright, 2016). Trata-se de uma pastoral convertida pela Palavra, na qual a escuta gera discernimento, e o discernimento se traduz em práticas evangelizadoras encarnadas e transformadoras (Johnson, 2010; Lohfink, 2009).

Desde a Torá e os profetas até os evangelhos e as cartas apostólicas, a Escritura não apenas informa, mas forma (Brueggemann, 1983; García López, 2014). A narrativa bíblica constrói identidades e cultiva disposições interiores que sustentam uma vida conforme o Reinado de Deus. Para Brueggemann (1983), a Sagrada Escritura suscita novas possibilidades históricas. A dimensão performativa da Palavra – que não apenas comunica, mas realiza o que proclama – impede tanto o biblicismo fundamentalista, quanto o intelectualismo estéril, projetando a Sagrada Escritura como força histórica (Wright, 2016). O evangelista Lucas oferece um retrato

exemplar dessa dinâmica ao narrar o episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), em que o Ressuscitado interpreta as Escrituras, faz arder o coração e conduz ao reconhecimento e à missão. Para Aletti (2009), as cartas paulinas seguem essa mesma dinâmica ao se constituírem em hermenêuticas da experiência cristã que reforçam a relevância do corpo eclesial. Sendo assim, a animação bíblica da pastoral constitui-se em princípio de eclesiogênese: a Palavra congrega, converte e envia (Lohfink, 2009).

A pastoral inspirada pela Palavra articula-se em torno de três movimentos fundamentais: escuta, discernimento e missão. A escuta é comunitária, orante e crítica. Comunitária, porque a Sagrada Escritura foi entregue a um povo e só pode ser compreendida em comunhão; orante, porque sem o horizonte espiritual a Sagrada Escritura se reduz a texto arqueológico e; crítica, porque, ao iluminar a vida, desmascara idolatrias religiosas e sociais (Brueggemann, 1983). No contexto latino-americano, Mesters (1971) e Bortolini (2003) destacam a circularidade entre fé e vida: a Palavra lê a existência concreta, e a vida realimenta a leitura. Dessa escuta, nasce o discernimento, entendido não como mera decisão pragmática, mas como inserção no enredo de Deus. Wright (2016) afirma que a narrativa bíblica fornece o grande "roteiro" no qual a Igreja situa seus atos; discernir é agir de modo fiel dentro desse enredo, mantendo a tensão entre tradição e criatividade. A missão, por sua vez, brota da Palavra e retorna a ela: a Igreja existe para tornar a Palavra visível na história (Lohfink, 2009). Johnson (2010) ressalta que evangelizar é expandir a experiência do encontro: "o que vimos e ouvimos, isso anunciamos" (1Jo 1,1-3). Assim, a animação bíblica desloca a pastoral do ativismo para o testemunho, de programas para processos, de tarefas isoladas para itinerários de comunhão (Ravasi, 2014).

As abordagens exegéticas recentes indicam três caminhos complementares para tornar a Palavra o verdadeiro centro da pastoral. O primeiro é o da leitura narrativa e canônica. Wright (2016) mostra que a unidade da Escritura, preservada no cânon, mantém o equilíbrio entre diversidade

e coerência. Isso significa que cada texto precisa ser interpretado à luz do arco global da Revelação – da Criação à Nova Aliança em Cristo –, evitando fragmentações moralistas. O segundo caminho é o da retórica performativa e da recepção comunitária. Aletti (2009) demonstra que as cartas de Paulo produzem efeitos concretos – consolar, exortar, corrigir –, e que, portanto, a leitura pastoral deve perguntar não apenas o que o texto significou, mas o que ele quer produzir hoje. Daí decorrem práticas como grupos de releitura e compromissos comunitários inspirados nas perícopes proclamadas. O terceiro caminho é o da articulação entre liturgia e Palavra. Guardini (2018) lembra que a liturgia é o espaço originário da hermenêutica bíblica: na celebração eucarística, a comunidade aprende a ver Cristo nas Escrituras e nas feridas do mundo. Por isso, a pastoral bíblica deve incluir homilias mistagógicas, *lectio divina* comunitária e itinerários formativos que unam escuta, oração e diaconia (Mendonça, 2015).

Os frutos da animação bíblica são visíveis quando ela gera conversão, comunhão e justiça – três expressões concretas da presença da Palavra. A conversão (*metanoia*) consiste em deixar-se desinstalar pela Palavra e mudar de mentalidade (Brueggemann, 1983). A comunhão (*koinonia*) manifesta o caráter eclesiogênico da Palavra: ela funda um povo, supera o clericalismo e faz da escuta um exercício de corresponsabilidade (Lohfink, 2009). E a justiça (*diakonia*) traduz a dimensão pública da fé: Wright (2016) e Mesters (1971) recordam que a esperança bíblica é transformadora, e que uma pastoral animada pela Palavra gera práticas concretas de solidariedade e misericórdia. Para que essa animação se torne realmente o eixo da pastoral, é necessária uma verdadeira ecologia eclesial, que inclua formação bíblica sólida de agentes, planejamento pastoral e estruturas de acompanhamento que ajudem a transformar a escuta em compromisso (Mendonça, 2015; Ravasi, 2014).

Onde a Palavra é alma da pastoral, nasce uma comunidade de fé que lê a história com os olhos de Deus, celebra a vida com gratidão e se compromete com a transformação do mundo. Assim,

a pastoral deixa de girar em torno de agendas e se orienta pelo Evangelho, tornando-se uma pedagogia de comunhão e de serviço. A Palavra torna-se o eixo; a pastoral, o seu movimento. O centro da pastoral não é a gestão de atividades, mas a fidelidade ao Evangelho que continua a ressoar no hoje da Igreja. Guardini (2018) enfatiza que a liturgia é o ambiente natural da Palavra, pois nela a Sagrada Escritura é proclamada como acontecimento salvífico. A animação bíblica precisa resgatar sua dimensão mistagógica. Para Tolentino Mendonça (2015), a animação bíblica consiste em aprender a habitar um espaço de escuta em que o texto se torna espelho da existência e horizonte de sentido. A pastoral bíblica não busca simplesmente uma erudição exegética, mas uma espiritualidade que permita à comunidade reconhecer-se, continuamente, como discipula do *Logos* que se faz história.

A escuta da Escritura é força de transformação social. Wright (2016) e Brueggemann (1983) destacam que a esperança bíblica é pública, pois a Palavra de Deus interpela as estruturas de injustiça e convoca à reconstrução do tecido social. Onde a pastoral é animada pela Palavra, a evangelização se traduz em práticas de misericórdia, em diálogo com as culturas e em promoção da dignidade humana. Assim, a animação bíblica conduz à inserção lúcida e compassiva na história. O dinamismo da animação bíblica implica conversão pastoral. Theobald (2007) ressalta que a verdadeira transmissão do Evangelho acontece quando a Palavra liberta o sujeito de si mesmo e o faz participante do movimento de Cristo para o mundo. Evangelizar é prolongar esse movimento da Palavra que sai de Deus e alcança o coração humano. A Palavra é o coração que dá ritmo à vida e à missão da Igreja. Quando a pastoral se deixa guiar pela Sagrada Escritura, reencontra a força originária do Evangelho: uma Palavra que cria comunhão, inspira conversão e impulsiona à missão.

A animação bíblica constitui o princípio unificador da espiritualidade, da formação e da missão eclesial. A centralidade da Palavra de Deus – compreendida como presença viva de

Cristo que interpela, forma e transforma a comunidade – confere, à vida e à pastoral da Igreja, uma estrutura interna de comunhão e dinamismo missionário. A Revelação divina não é apenas um depósito de verdades, mas um acontecimento de comunhão: Deus se dá ao ser humano e o convida a responder na fé. A Palavra não apenas informa, mas forma e transforma; não apenas comunica, mas plenifica – ela é o próprio agir salvífico de Deus na história. Kasper (1989) recorda que a Revelação é uma história de comunhão. Deus se revela não apenas para informar, mas para se doar. Escutar a Palavra é acolher o Deus vivo. Na medida em que a Igreja acolhe a Palavra, é, continuamente, configurada como comunidade do *Logos* encarnado. Lohfink (2009) define a comunidade cristã como a comunhão que nasce da Palavra, que a convoca e a constitui. A animação bíblica é, nesse sentido, o processo pelo qual a Igreja se deixa plasmar pela Palavra que a originou e continua a sustentá-la.

Balthasar (1998) ressalta que a Palavra de Deus é forma e presença, chama que ilumina e consome. A escuta da Palavra é ato de conversão e de configuração com Cristo. O *Logos* encarnado continua a se fazer vida na comunidade dos crentes, e a pastoral inspirada pela Palavra torna-se espaço de encarnação e testemunho. Para Ravasi (2014), a leitura bíblica é itinerário de humanização, como escuta que revela o sentido da existência. Mesters (1971) exprime, com simplicidade, essa força transformadora da Palavra como a semente que germina na vida concreta das pessoas e produz frutos de justiça e solidariedade. A animação bíblica, assim, não se esgota na leitura ou no estudo, mas se prolonga na práxis eclesial. Quando a Igreja se deixa animar pela Palavra, sua ação pastoral torna-se mais coerente, profética e sensível à realidade. A Palavra não é acessório, mas fundamento de toda a ação evangelizadora. Quando a Sagrada Escritura ocupa o centro, a teologia se torna contemplação, a pastoral se converte em escuta e a evangelização se transforma em testemunho. Como afirma Kasper (1989), tornar-se um ouvinte da Palavra significa participar de seu movimento

de amor.

A escuta da Palavra de Deus é um gesto teológico. É na Palavra que a fé nasce e se renova. A ação pastoral inspirada pela Sagrada Escritura supera o funcionalismo e reencontra sua natureza espiritual. Não é mera técnica, mas resposta ao Deus que fala. Balthasar (1998) insiste que a Palavra de Deus é forma e conteúdo inseparáveis, revela o rosto de Deus e dá forma à existência humana. Essa forma divina modela o ser da Igreja e o modo como ela age. A animação bíblica da pastoral não é teoria, mas estética da fé: a beleza da Palavra fascina e transforma, levando a ação pastoral a tornar-se arte do encontro e expressão concreta da misericórdia divina. Mesters (1971) recorda que a Palavra só cria vida quando é escutada com os pés no chão e o coração aberto. Escutar a Escritura é mergulhar na vida do povo, interpretar a história à luz da fé e fazer da pastoral uma leitura encarnada do Evangelho. Assim compreendida, a animação bíblica torna-se o coração de uma Igreja que escuta, discerne e serve: comunidade que fala com Deus e permite que Deus fale através dela. Quando a Palavra está no centro, a Igreja reencontra sua identidade mais profunda: ser serva do *Logos*, sacramento da comunhão trinitária e sinal do Reino no mundo.

A Revelação é um evento de comunicação e comunhão, no qual Deus se dá ao ser humano em história, linguagem e relação. Segundo Brueggemann (1983), a Sagrada Escritura constitui-se de testemunhos de Deus que não se reduzem a proposições teóricas, mas que criam um universo simbólico no qual a fé se torna prática e compromisso. O caráter narrativo e performativo da Sagrada Escritura exige que ela seja acolhida como acontecimento que interpela e transforma. Nessa linha, Wright (2016) afirma que a Sagrada Escritura deve ser lida como o drama de Deus com o mundo, em que a Igreja é chamada a interpretar e atuar o ato da história da salvação, continuando o enredo iniciado nas Sagrada Escritura. A integração entre Sagrada Escritura e ação pastoral supõe um movimento circular entre Palavra, vida e missão. Mesters (1971) e Bortolini (2003) mostram que, na tradição latino-americana,

a *lectio divina* popular tem possibilitado uma releitura comunitária da história à luz da fé, fazendo da Palavra um instrumento de discernimento e de libertação. A Sagrada Escritura, quando lida no chão da vida, torna-se lugar de encontro entre o Deus que fala e o povo que espera. Assim, a animação bíblica integra contemplação e compromisso, espiritualidade e transformação social.

A animação bíblica se configura como escola de sinodalidade. A escuta comum da Sagrada Escritura ensina a Igreja a discernir, em conjunto, o que o Espírito Santo diz às comunidades (Ap 2,7). Tolentino Mendonça (2015) observa que a leitura da Sagrada Escritura, em chave comunitária, permite à Igreja reconhecer-se continuamente como discípula, aprendendo a caminhar na escuta e no diálogo. A pastoral inspirada pela Palavra assume, assim, um rosto participativo, relacional e dialogal, em que todos – ministros ordenados e leigos, teólogos e agentes de pastoral – são cointérpretes da Palavra. A integração pastoral nasce dessa reciprocidade: a Palavra integra e torna a missão eclesial expressão de uma vida de comunhão e participação. Sendo assim, a animação bíblica não é apenas um instrumento pedagógico, mas o coração do projeto eclesial. Ela confere unidade e coesão à ação pastoral, fazendo da Palavra o critério último da evangelização.

A Sagrada Escritura, quando colocada no centro, integra a diversidade de ministérios e carismas, harmonizando contemplação, formação e compromisso. A Igreja, animada pela Palavra, reencontra sua vocação de ser ouvinte da Palavra (Rahner, 1997) e sacramento do diálogo de Deus com o mundo (Moltmann, 2002). A animação bíblica, assim entendida, é mais que um método: é uma espiritualidade que gera comunhão e um princípio teológico que unifica fé e vida, doutrina e ação, oração e compromisso social. A animação bíblica como eixo integrador da ação pastoral revela que a Palavra de Deus é o fundamento da vida eclesial. Onde a Escritura é escutada, celebrada e vivida, a pastoral se torna coerente e frutífera; onde é ignorada, tudo se fragmenta. Uns dos grandes desafios pastorais contemporâneos

consiste em reenraizar todas as expressões da vida e da missão eclesial na escuta comunitária da Palavra, para que dela nasçam discernimento, comunhão e transformação. Nesse sentido, a animação bíblica da pastoral constitui-se em caminho de renovação eclesial.

Animação bíblica como caminho de renovação eclesial

A animação bíblica é, por excelência, um itinerário de renovação eclesial. A Palavra de Deus, em sua dimensão trinitária, revela o modo como o Pai, o Filho e o Espírito Santo se comunicam e se doam à humanidade. O Pai fala e comunica seu amor; o Filho é o *Logos* encarnado que torna visível o rosto de Deus e; o Espírito Santo é o intérprete interior que ilumina, atualiza e faz frutificar a Palavra na vida da Igreja. A Revelação é o próprio movimento de Deus em direção ao mundo – um ato de amor e de comunhão que transforma a história. Como afirma o Concílio Vaticano II na *Constituição Dogmática Dei Verbum* (Paulo VI, 1965), aprouve a Deus revelar-se a si mesmo e manifestar o Mistério de sua vontade. Sesboüé (2018) resume essa lógica do dom, a partir da convicção de que Deus fala porque ama, e sua Palavra é o dom de si mesmo. A Palavra é, assim, o lugar onde o amor divino se faz linguagem e interpela a humanidade à reciprocidade. Essa reciprocidade, fruto da experiência com a Palavra de Deus, é fonte da comunhão e da missão da Igreja na atualidade.

No Filho, a autocomunicação divina para a humanidade atinge a sua plenitude. Em Cristo, o *Logos* se faz carne e habitou entre nós (Jo 1,14), assumindo a totalidade da realidade humana, incluindo suas fragilidades, com o intuito de redimi-las. O que foi assumido por Deus, em Cristo, foi redimido e divinizado. O Espírito, por sua vez, é o contemporâneo de toda escuta. O Espírito torna presente o Cristo e faz da Palavra uma realidade viva (Fédou, 2013). Sem o Espírito, a Palavra seria letra morta; com o Espírito, a Palavra torna-se evento de graça e fonte de missão. Nessa perspectiva, a animação bíblica da pastoral não é um projeto restrito, mas uma atitude

espiritual que atravessa todas as dimensões da vida eclesial. A pastoral animada pela Palavra busca dar unidade interior à missão, integrando espiritualidade e compromisso prático.

O Espírito é contemporâneo de toda escuta da Palavra. Essa presença pneumatológica faz da animação bíblica uma escola de discernimento. Na escuta, a Igreja aprende a reconhecer o que o Espírito manifesta. A Palavra ilumina o coração, purifica as intenções e inspira a ação; o Espírito converte o texto em vida e a vida em missão. A pastoral que se deixa guiar por esse dinamismo trinitário torna-se profética e samaritana: anuncia o Evangelho não por imposição, mas por testemunho; não por poder, mas por serviço. A renovação eclesial nasce, portanto, da escuta da Palavra. Uma Igreja que escuta é uma Igreja em conversão; uma Igreja que se deixa evangelizar é uma Igreja que evangeliza com autenticidade. Escutar a Palavra é participar do diálogo trinitário que sustenta a vida da Igreja e alimenta sua missão no mundo. A animação bíblica da pastoral é caminho de discipulado e apostolado. Ela reconduz a Igreja às suas fontes, devolvendo-lhe a simplicidade e a força do Evangelho. Ao escutar a Palavra, a comunidade cristã redescobre sua vocação originária. A renovação eclesial nasce da docilidade à voz do Espírito que fala nas Sagradas Escrituras.

A animação bíblica é o espaço em que a Igreja aprende novamente a ser protagonista fiel e criativa da história da salvação. A escuta da Sagrada Escritura renova a criatividade eclesial e desperta o discernimento comunitário, capacitando a Igreja a responder, com fidelidade, aos desafios culturais e sociais do presente. Lohfink (2009) observa que a Igreja existe a partir da Palavra e para a Palavra, sendo ela mesma uma comunidade formada pelo ouvir. A renovação eclesial não nasce, portanto, de estratégias ou programas, mas do retorno constante à fonte que dá sentido a toda ação pastoral. A Palavra convoca, purifica e envia. Quando a Igreja se reconhece como *comunidade do Logos*, redescobre sua vocação de ser sinal da presença de Deus no mundo. Johnson (2010) reforça essa perspectiva ao afirmar que

a fé cristã não é mera adesão intelectual, mas resposta viva à Palavra. Cada vez que a Sagrada Escritura é escutada com fé, a Igreja se renova como Corpo do Cristo vivo que continua a falar e agir no mundo.

Ravasi (2014) recorda que a Sagrada Escritura é a voz de Deus que atravessa os séculos, convidando a Igreja a uma escuta atenta e perseverante. A animação bíblica é, portanto, um processo de conversão comunitária: desloca o centro da pastoral da eficiência para a fidelidade, do ativismo para a contemplação, da conservação para a missão. A animação bíblica da pastoral permite uma verdadeira conversão pastoral. A escuta é o primeiro passo da renovação eclesial, pois uma Igreja que escuta é uma Igreja que aprende a discernir os apelos do Espírito. A escuta da Palavra é inseparável da celebração, porque é na liturgia que a Sagrada Escritura se torna acontecimento e a comunidade se renova como Corpo eclesial. Palavra e Sacramento formam um único gesto de Revelação: quem escuta e celebra se converte em testemunha. O que é anunciado na Palavra, torna-se realidade na Eucaristia. O que se realiza na Eucaristia, torna-se concreto nas vidas eucaristizadas.

A animação bíblica, como caminho de renovação eclesial, implica compreender a Palavra de Deus como força histórica de libertação que transforma a realidade eclesial a partir das vítimas da história. Para Ellacuría (2000), a Palavra de Deus deve ser escutada a partir da realidade dos crucificados, pois é ali que ela revela sua verdade e seu poder salvador. A animação bíblica torna-se, assim, um processo de conversão pastoral e estrutural, no qual a Igreja é chamada a ler a Sagrada Escritura a partir da práxis libertadora de Jesus e de sua encarnação no mundo dos pobres (Ellacuría, 1990). Essa leitura encarnada da Palavra, ao unir fé e justiça, reorienta a missão eclesial rumo a uma Igreja em saída, capaz de discernir os sinais do Reino de Deus no tecido social e de renovar-se continuamente à luz do Evangelho vivido. A animação bíblica, nesse horizonte, constitui-se em uma hermenêutica da vida que permite, à comunidade cristã, fazer da

escuta da Palavra o eixo da conversão comunitária e da transformação da história, como Ellacuría propôs ao refletir que a salvação cristã se dá na história, quando esta é assumida e transformada à imagem do Reino de Deus (Ellacuría, 1994).

A fé precisa constantemente reinterpretar-se à luz das novas situações históricas, pois o texto bíblico não fala a um mundo estático, mas a um povo em caminho (Segundo, 1985). A animação bíblica da pastoral propõe uma releitura crítica e libertadora da Sagrada Escritura, na qual o crente é interpelado a discernir a ação de Deus na realidade concreta. A renovação eclesial só é autêntica quando a comunidade redescobre a Palavra como fermento de libertação (Segundo, 1985). A animação bíblica como caminho de renovação eclesial constitui um processo de retorno às fontes da Palavra de Deus para reencontrar nela o impulso libertador do Evangelho. Gutiérrez (2004) afirma que a escuta da Palavra é inseparável do compromisso com os pobres, pois é neles que a Palavra se faz carne e interpela a comunidade cristã à conversão. A leitura bíblica é, sobretudo, uma prática eclesial que visa transformar a realidade à luz do Reino de Deus. A renovação da Igreja acontece quando ela se deixa evangelizar pelos pobres, tornando-se Igreja servidora e pobre, comunidade que vive a Palavra a partir das feridas do mundo.

Para Comblin (2012), a Igreja se renova quando redescobre o chamado da Palavra à missão e à liberdade dos filhos de Deus. A animação bíblica é capaz de libertar a fé das pessoas devolvendo à Igreja a vitalidade do Evangelho. Comblin (1986) afirma que a Palavra não é propriedade da Igreja, mas o sopro que a faz nascer e renascer. A renovação eclesial se dá quando a animação bíblica reconduz a pastoral à simplicidade evangélica. De acordo com Galli (2024), a escuta da Palavra, na comunidade do povo de Deus, é o caminho pelo qual o Espírito Santo renova continuamente a Igreja e a faz discernir os sinais do Reino na história. A animação bíblica é o princípio animador de toda a vida eclesial. A leitura comunitária da sagrada Escritura impulsiona uma renovação que vai da espiritualidade à práxis pastoral, configu-

rando uma Igreja discipular e servidora, expressão concreta de uma Igreja em saída missionária.

Conclusão

A animação bíblica da vida e da ação pastoral revela-se como o eixo vital da renovação eclesial no horizonte da recepção do Concílio Vaticano II. Ela não se limita a um programa de atividades, mas exprime um novo modo de ser Igreja: uma comunidade que escuta, discerne e testemunha a Palavra que a gerou. A *Dei Verbum* (Paulo VI, 1965) recoloca a Escritura no centro da vida cristã. Essa compreensão continua a orientar a pastoral contemporânea, chamada a integrar todas as suas dimensões sob o dinamismo trinitário da Palavra. No coração dessa teologia está a convicção de que a Revelação é comunhão e diálogo. O Pai fala movido pelo amor, o Filho é a Palavra encarnada que manifesta o rosto misericordioso de Deus, e o Espírito Santo é o intérprete interior que atualiza e fecunda a escuta da fé. Escutar a Palavra é participar do diálogo eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito, permitindo que esse amor comunicativo se torne experiência e missão.

A animação bíblica não é apenas uma metodologia pastoral, mas um verdadeiro caminho teológico e espiritual que conduz a Igreja a redescobrir a centralidade do Evangelho em sua vida e em sua missão. O encontro com a Palavra é sempre transformador. Como lembra Bianchi (2010), ler a Sagrada Escritura é deixar-se ler por ela. A escuta não é um ato passivo, mas uma abertura ativa à voz de Deus que interpela e transforma. Quando a comunidade se reúne em torno das Sagradas Escrituras, o que se renova não é apenas o conhecimento, mas a própria forma de ser Igreja. A escuta gera conversão, a conversão gera comunhão e a comunhão gera missão. A ação pastoral deixa de ser mera transmissão de doutrinas e torna-se espaço de experiência, de partilha e de serviço ao Reinado de Deus.

A animação bíblica da pastoral possui uma força integradora e missionária. Ela une teologia e espiritualidade, liturgia e ação social, contemplação e compromisso. Uma Igreja verdadeiramente bíblica é aquela que se deixa plasmar pela Palavra

e, a partir dela, fala ao mundo com humildade e profecia. Toda evangelização, toda catequese e toda ação pastoral só serão autênticas quando enraizadas na escuta da Sagrada Escritura e animadas pelo Espírito que a inspira. A Palavra de Deus é viva, eficaz e fecunda. Nela, a Igreja encontra o alimento da fé, a luz do discernimento e a força do testemunho. Quando escutada e celebrada, ela se converte em critério de comunhão e em princípio de transformação. A comunidade que vive da Palavra torna-se servidora da Revelação e sinal da esperança, testemunhando, no tempo, o amor do Deus que continua a falar, agir e caminhar com o seu povo.

Dessa forma, a animação bíblica se apresenta como uma autêntica teologia da escuta: um convite permanente para que a Igreja renove sua vida e missão à luz do *Logos* encarnado. Ela não apenas ilumina o agir pastoral, mas o transforma a partir de dentro, permitindo que cada ministério e cada ação evangelizadora sejam expressão da Palavra viva de Deus. A animação bíblica é o caminho pelo qual a Igreja se converte continuamente em comunidade da Palavra – uma Igreja que fala porque antes escutou, que ensina porque antes aprendeu, que evangeliza porque antes se deixou evangelizar. Que uma ação pastoral pensada e rezada à luz da Palavra de Deus possa inspirar práticas que tornem visível o Reinado de Deus no cotidiano da vida, promovendo comunhão, serviço e esperança, e conduza a comunidade cristã a discernir os sinais dos tempos, transformando a fé em compromisso concreto com a dignidade humana, a justiça e a paz.

Referências

ALETTI, Jean-Noël. *Il racconto come teologia: studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*. Roma: Edizioni Dehoniane, 2009.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria VII: Nuevo Testamento*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1998.

BENTO XVI, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini: sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja*. Roma: [s. n.], 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 26 out. 2025.

- BIANCHI, Enzo. *Presbíteros: palavra e liturgia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRUEGGEMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.
- ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos teológicos*. San Salvador: UCA Editores, 2000. t. 1.
- ELLACURÍA, Ignacio. *Filosofia de la realidad histórica*. San Salvador: UCA Editores, 1990.
- ELLACURÍA, Ignacio. Historicidad de la salvación cristiana. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (org.). *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1994. v. 1, t. 1, p. 323-373.
- FÉDOU, Michel. *Les pères de l'Église et la théologie chrétienne*. Paris: Facultés Jésumites de Paris, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Aperuit Illis: pela qual se institui o Domingo da Palavra de Deus*. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190930_aperuit-illis.html. Acesso em: 26 out. 2025.
- GALLI, Carlos María. *El Espíritu Santo y nosotros*. Maliaño: Sal Terrae, 2024.
- GARCÍA LÓPEZ, Félix. *Pentateuco*. Estella: Verbo Divino, 2014.
- GUARDINI, Romano. *Espírito da liturgia*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. 17. ed. Salamanca: Sígueme, 2004.
- JOHNSON, Luke Timothy. *The writings of the New Testament: an interpretation*. 3rd ed. Minneapolis: Fortress Press, 2010.
- KASPER, Walter. *Teología e Iglesia*. Barcelona: Herder, 1989.
- LOHFINK, Gerhard. *La Iglesia que Jesús quería*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2009.
- MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MESTERS, Carlos. *Palavra de Deus na história dos homens*. Petrópolis: Vozes, 1971. v. 2.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PAULO VI, Papa. *Constituição dogmática Dei Verbum: sobre a Revelação divina*. Roma: Is. n.1, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 26 out. 2025.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- RAVASI, Gianfranco. *La Biblia en un fragmento: 200 puertas al Antiguo y al Nuevo Testamento*. Maliaño: Sal Terrae, 2014.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Teología de la Liberación*. Madrid: Cristiandad, 1985.
- SESBOÛÉ, Bernard. *L'Homme, merveille de Dieu: essai d'anthropologie christologique*. Paris: Points, 2018.
- THEOBALD, Christoph. *Transmettre un Évangile de liberté*. Malakoff: Bayard, 2007.
- WRIGHT, N. T. *How God became king: the forgotten story of the Gospels*. New York: HarperOne, 2016.

Tiago de Fraga Gomes

Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil, com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB), Bochum, Alemanha. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Tiago de Fraga Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Av. Ipiranga, 6681
Partenon, 90619900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.